

## Jornal escolar e vivências humanas

Jorge Kanehide Ijuim  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

### Resumo:

A produção do jornal escolar pode contribuir de forma significativa para o processo de humanização entre os participantes – educandos e educadores. Antes das técnicas, é fundamental valorizar o processo jornalístico que proporciona uma atmosfera para tal finalidade, pois o jornalismo é mais que técnica narrativa sobre fatos, mas a expressão de ações humanas. Se o comunicador propõe-se ao ato coletivo, solidário, deve superar a razão técnico-burocrática para dar lugar a uma razão luminosa. A produção de jornais escolares, portanto, requer mais que a reprodução de técnicas jornalísticas, mas o incentivo de uma postura ao aluno-repórter – de aprender a aprender. Dessa forma, é importante superar o caráter instrumental-utilitário do veículo para considerar o caráter de estratégia pedagógica do processo que valoriza mais a solidariedade e a cooperação que o individualismo e a competição, que valoriza o *aprender a aprender as ações humanas*.

### Palavras-chave:

Jornal escolar; Comunicação e educação; Jornalismo e educação.

A maioria das experiências do uso do jornal no ensino fundamental e médio tem sido inspirada nas técnicas de Célestin Freinet. Em seu *Jornal escolar* (1), o educador francês, já no começo do século XX, desenvolvia com seus alunos suas técnicas para o jornal, que consistia em “uma recolha de textos livres realizados e impressos diariamente e agrupados, mês a mês, numa encadernação especial, para os assinantes e correspondentes”. Com essas atividades, ao despertar a espontaneidade e a livre-expressão, o professor desenvolvia em seus alunos o potencial do pensamento e o desejo de exteriorização desse pensamento. Ao mesmo passo, estimulava o educando a situar-se no mundo, exprimir seus pensamentos, sentimentos e observações, inseridos num contexto, que permitia tornar o processo mais educativo possível, com o objetivo de englobar esta técnica para a vida. A exteriorização do pensamento e a sua socialização, através do jornal, constitui motivação para, com o desenvolvimento do processo, os alunos chegarem a caminhar com

os próprios pés. Ao primar pelo incentivo à reflexão e à expressão do pensamento, à espontaneidade e à iniciativa, Freinet criava um ambiente favorável, de aventura e cooperação.

Essas técnicas - ou pelo menos semelhantes - puderam ser vivenciadas no Brasil por iniciativas isoladas até os anos 70. A Lei 5692/71, segundo Valnir Chagas (2), objetivava passar a função conservadora da educação para uma função renovadora. A partir de então, houve aberturas para a experimentação de métodos e técnicas, para a época, inovadoras. Uma das possibilidades advindas desta abertura foi a Comunicação, influenciada pela obra de McLuhan. Com base nesta Lei, a Secretaria de Educação de São Paulo já sugeria em suas diretrizes curriculares a produção de jornais, iniciativa esta acompanhada por vários estados brasileiros.

Estava presente o pensamento do teórico canadense, especialmente por sua célebre previsão:

*"Haverá um dia - talvez este já seja realidade - em que as crianças aprenderão muito mais e muito mais rapidamente em contato com o mundo exterior do que no recinto da escola". (3)*

Tais experimentos, no entanto, em geral, restringiam-se às atividades da disciplina Língua Portuguesa, como meio de desenvolvimento de expressão oral e escrita. Enfim, ainda não se vislumbrava todas as suas possibilidades.

Outro passo nesse caminho veio nos anos 80, seguindo uma tendência mundial. As iniciativas norte-americanas e européias influenciaram empresas jornalísticas a adotarem campanhas educativas propondo às escolas o uso de seus jornais em sala de aula. Esses programas estão em pleno funcionamento até hoje em várias cidades. Predominantemente, esses projetos possibilitam o desenvolvimento do hábito da leitura, acesso a uma grande diversificação de temas, através de assuntos atuais, além de permitir maior fluxo de informações do mundo para o interior da sala de aula. A experiência tem trazido outras conquistas, principalmente ao provocar mudanças nos processos educativos, adequando-os à realidade dos meios de comunicação de massa. Com isso, traz a perspectiva de contribuir com a formação do cidadão mais crítico, observador e bem informado. Igualmente, secretarias de Educação de diversos estados têm recomendado essas práticas em sala de aula.

Meus estudos, sem qualquer desconsideração por esses programas, têm caminhado em outro sentido, na retomada das iniciativas originais, como as de Freinet, numa trajetória de cerca de doze anos (4). Desde as primeiras experiências, preocupei-me que os estudantes tivessem a oportunidade de vivenciar o jornalismo por dois ângulos: 1. *conhecer o jornal*, e 2. *produzir o*

*jornal*. A cada passo, pude observar a riqueza da produção dos jornais – mais que um veículo de comunicação – como um processo que propicia integração – de assuntos, de interesses, de pessoas. Entre muitas outras particularidades, essa caminhada permitiu-me compreender como o jornal pode estabelecer ambiente favorável para uma série de conquistas desejadas pelo ensino formal:

- *clima de grande motivação, envolvimento* – a satisfação de participar, mais que assistir e ouvir, pela ação, pelo momento lúdico que ultrapassa a rotina escolar;
- *cooperação* – o processo de produção de jornais requer o trabalho em grupo, pelo qual desenvolve-se um processo político, porque há o estabelecimento e aceitação de regras, há negociação, o compartilhar de idéias, de conhecimento, de vida; o trabalho em grupo lhe permite mais encontros, mais comunhão;
- *distinção e reconhecimento (auto-estima)* – o jornal distingue e reconhece valores individuais e coletivos, nem sempre observáveis pelas técnicas de ensino e avaliação tradicionais; transforma o trabalho escolar em matéria jornalística, que não fica restrito à ‘nota’ do professor, tampouco à ‘gaveta’ do professor, mas é veículo que circula dentro e fora da escola, com o nome do educando, que o exhibe como troféu de sua conquista a seus pais e amigos; esse troféu o distingue, mas também o faz reconhecer o outro, o diferente;
- *a escola e a realidade dos alunos* – abre espaços e oportunidades para a observação e a reflexão do mundo, além dos muros da escola; torna-se uma porta aberta ao mundo, em que circulam fatos e opiniões sobre o mundo – a sua realidade –, nem sempre observada pelo ensino tradicional;
- *emoção e afetividade entre os participantes* – assumindo o jornal como projeto pedagógico, os participantes desenvolvem um vínculo cada vez maior com o jornal e, especialmente, entre o grupo; espaço para a canalização de idéias, também é espaço para a expressão de suas emoções, de seus laços com o outro, dos laços da escola com a comunidade e da comunidade com a escola.

Nessa trajetória, pude refletir sobre a possível transcendência (*necessária?*) aos esquemas ‘nem sempre abertos’ de comunicação vivenciados na educação formal. A partir dessa reflexão, ousou formular algumas questões: o trabalho com jornais deve (*ou pode*) restringir-se ao puro caráter técnico-utilitário? Pode-se transcender o jornal-instrumento para alcançar um jornal-estratégia? Além de *in-formar*, oportunizar o acesso a variadas visões de mundo, estimular a leitura e a escrita, motivar, a produção de jornais pode constituir uma estratégia que, além (*e acima*) de tudo isso possa responder ao desafio de personalizar o universo? Ou ainda, o processo de pro-

dução de jornais na escola pode contribuir com o processo de humanização entre os participantes?

Para tais reflexões, recorro inicialmente a David Steindl-Rast (5), em sua noção de processo de pessoalização:

*“Um indivíduo é definido por aquilo que o distingue de outros indivíduos; há tantos ovos nesta cesta; há tantos indivíduos nesta população. Uma pessoa é definida pelo relacionamento que estabelece com outros, com outras pessoas e com outros seres em geral. Nascemos como indivíduos, mas a nossa tarefa é nos tornarmos pessoas, graças a relacionamentos mais profundos e mais intrincados, mais altamente desenvolvidos. Não há limite para o tornar-se verdadeiramente pessoal... ...o desafio à nossa liberdade seria o de personalizar o universo”.*

Como ponto de partida, portanto, entendo que a produção de jornal escolar como estratégia pedagógica pode ultrapassar a ação individual ou de pequeno grupo para alcançar a ação coletiva, de grupo maior, num caráter sistêmico, mais universal. No intento de superar o paradigma mecanicista, em que o homem é o dominador do universo, aceito a teoria da Complexidade, pela qual o homem é um ser que está e vive no universo. Por isso, todas as suas ações caminham no sentido de uma vida melhor para todos – para o universo. Suas ações devem ser de relação cada vez mais profunda com o outro, com o mundo, com o universo.

### **Aprender a aprender**

No momento, venho apresentando a um grupo de estudos composto por vários professores do ensino fundamental e médio de Campo Grande-MS uma proposta visando a reflexão e a experiência destas questões. Tal proposta está contida num material apostilado intitulado “Jornal escolar e vivências humanas” que consta uma discussão teórica, um conjunto de técnicas jornalísticas que facilitem seu trabalho em sala de aula, além de sugestões que estimulem um ponto de partida. A discussão teórica está assentada na teoria Sócio-histórica, com ênfase na importância da apropriação e criação de cultura. A escola (e o professor, naturalmente) como mediadora entre a cultura historicamente produzida e a população que atende, tem o jornal escolar um aliado, um meio para essa mediação social (6). A teoria da Complexidade, por outro lado, considera a necessidade de visualização do mundo de forma sistêmica. Em que tudo está ligado a tudo. Assim, tem a interdisciplinaridade como metodologia para a integração do conhecimento, propiciada por uma

atitude mental, em outro nível de complexificação cerebral, e alternativa de expressão educacional (7).

Na tentativa de evitar os riscos dos ‘esquemas fechados’, próprios dos guias de modelos e manuais de receitas, este material didático procura incentivar os professores à reflexão e à criação de suas próprias estratégias, de acordo com suas características e necessidades e, especialmente, de acordo com os anseios e aspirações de seus alunos. O trabalho proposto, portanto, não é modelo, mas ponto de partida para a reflexão e a ação.

Pelas primeiras observações nessa fase de meus estudos, tenho sentido que as técnicas jornalísticas não devem ser ‘camisa de força’ em detrimento do processo de criação que a produção de jornais possibilita. Por esse motivo, a reflexão que proponho aos professores perpassa pela discussão sobre o papel do jornalismo e do jornalista. Considerando o jornalismo como mediador das ações humanas, cabem ao jornalista os *desafios técnico, ético e estético* (8). No campo técnico, busca o aperfeiçoamento das narrativas e os recursos tecnológicos como meios que levem à veracidade e à compreensão dos fenômenos complexos. Pelas técnicas narrativas cada vez mais aperfeiçoadas o comunicador desenvolve sua capacidade de *expressão da realidade*. No sentido ético, encontra o campo que permite a elevação do nível de sua consciência e o alargamento de sua visão de mundo; no aperfeiçoamento ético está a âncora do fazer jornalístico, que também lhe permite a sintonia e a cumplicidade com o universal. Nesse esforço contínuo pelo alargamento da visão de mundo está o quesito indispensável ao comunicador de *reflexão da realidade*. No ponto de vista estético, transcende as técnicas para alcançar a criatividade, para levar às narrativas signos contextualizados e dar vazão à visão solidária e a intuição. Trata-se de reeducar os sentidos, superar a cultura audiovisual predominante no ocidente para integrar os recursos do olfato, da gustação e do tato (9) – sinestésias que, interagindo com a capacidade auditiva e visual, desenvolvem maior e melhor observação, ampliam o potencial cognitivo. No aperfeiçoamento estético está, por um ângulo, a possibilidade de obter-se relatos mais criativos e contextualizados e, por outro (e justamente por isso), a maior capacidade de *observação da realidade*.

Ao defender essa postura ao jornalista, suponho que seu papel vai além do cumprimento de tarefas, da simples narração do cotidiano, mas deve alcançar a atitude de um agente social que, solidário e cúmplice à dor e à alegria universal, intervenha, com seu trabalho – o fazer jornalístico – em favor do coletivo, do universal. Minha proposta, portanto, vislumbra a possibilidade de os participantes, vivenciando todas as etapas de produção do jornal escolar, assumam, internali-

zem a postura do *repórter que observa, reflete e expressa a realidade*. Esse aluno-repórter encontra no processo de produção jornalística a interação, o relacionamento humano, a oportunidade de identificação e respeito ao outro, o diferente, a chance de observar e refletir sobre as questões emergentes que afligem o mundo – a si mesmo.

Entendendo os jornais escolares como fruto da maturação entre seus participantes e não produto de um processo de manufatura, os primeiros frutos de minha pesquisa refletem essa ‘maturação’ desejada. Um deles é o veículo que canaliza uma intensa discussão do tema “Sexualidade e saúde”, identificado como prioridade em turmas de 7as e 8as séries numa escola estadual. Levantada a necessidade, o grupo de professores organizou palestras com médicos, psicólogos, membros da Comissão de Entorpecentes do Estado e outros especialistas. Num cronograma de palestras o tema foi tratado com todas as suas variantes e inter-relações, como gravidez, parto, doenças sexualmente transmissíveis, drogas, etc. Os estudantes não vão às palestras somente para assisti-las, mas com os sentidos do aluno-repórter, que vão observar, refletir e expressar àquele momento, àquela vivência.

Num curso de Magistério, um grupo de professoras tem no jornal escolar um meio mais atrativo e inspirador para o relato das experiências no estágio supervisionado. Os estudantes, ao retornarem dos locais de estágio, trazem para o papel não só os ‘relatórios frios e formais’ que a disciplina exige, mas as vivências que impregnadas nos poros, o aroma e os sabores que sentiram na escola visitada. A supervisora de estágio não tem apenas o instrumento formal, mas um documento que expressa observações, reflexões e ações de seus alunos e dos alunos da escola visitada.

O jogo entre teoria, reflexão e prática pode ser sentida na experiência de uma professora de uma escola municipal. Em visita a uma aldeia em Sidrolândia, seus alunos puderam observar hábitos e costumes dos índios, suas danças e manifestações culturais. Mas também puderam verificar o sofrimento da aculturação, do isolamento e do preconceito, da miséria a que estão submetidos nos guetos chamados ‘aldeias’. Aqui também, o jornal escolar é meio de expressão das vivências e, mais que isso, proporciona situações de identificação e respeito à diversidade, de inspiração à solidariedade.

O projeto pedagógico da 3ª série de uma escola cooperativa (constituída por uma cooperativa de professores) discute por meses o estado em seus múltiplos aspectos. Tal projeto culmina com uma viagem de estudos ao Pantanal sul-mato-grossense, com o estudo *in-loco* dos aspectos artístico-culturais de Corumbá, e visita ao Pantanal propriamente dito. A viagem de estudos trans-

forma-se no ‘Jornal Pantaneiro’, que abriga, mais que um relato de viagem, a vivência do grupo. Mais que uma narração dos fatos observados, este jornal escolar traz o *cheiro do camalote e o gosto do tarumã* (10), apresenta o humor e a transpiração dos alunos-repórteres. Publica textos e títulos que não nascem dos manuais de redação, mas da sensibilidade, da capacidade imaginativa ampliada pela experiência, do alargamento da visão de mundo que a postura do repórter lhes proporciona.

Por estes exemplos, nota-se que o processo jornalístico proporciona ao aluno-repórter a vivência de valores em que a solidariedade e a cooperação estão acima do individualismo e da competição, em que acima da tecnologia e da máquina estão os relacionamentos humanos. Porque o processo jornalístico não está restrito ao desenvolvimento de técnicas de redação, mas, em todos os passos, há observação, negociação, encontros e desencontros, análise e síntese, identificação do diferente – do outro, respeito ao outro, há o aprender contínuo da própria vivência humana. Enfim, essa postura ao aluno-repórter é uma estratégia que pode ser internalizada, para ser-lhe fundamental para toda a vida, que proporciona o aprender a aprender – aprender as ações humanas.

Por essas noções, preocupa-me esclarecer ao grupo de estudos que as técnicas jornalísticas ajudam, facilitam a visualização do jornal e sua organização, mas as *gramáticas consagradas (racionalizantes) pelos manuais de redação* (11), porém, podem e devem ser flexibilizadas. A pirâmide invertida, a linguagem ‘jornalística’ ou a diagramação impecável não devem prevalecer sobre a criação de cultura. Os jornais escolares não precisam (*nem devem*) ser cópias dos grandes jornais. Nada impede, no entanto, que o processo pedagógico proporcione aperfeiçoamentos que os torne próximos dos diários na aparência, mas não no conteúdo. A forma, a linguagem, seus conteúdos estarão sempre situados nas características, ansiedades e perspectivas dos participantes. E o professor, como mediador, estará atento não só aos conteúdos programáticos que lhe exigem os parâmetros curriculares, mas na relação que esses conteúdos têm com a vida, com o momento histórico, com as necessidades e aspirações do ser humano.

### **Professor-editor-maestro**

Aceitando que a escola uma instituição mediadora entre a cultura e a população que atende, considero os jornais escolares veículos que colaboram nesta mediação. Uma vez que o uni-

verso, a cultura, a vida, é global – não segmentados (12) – o veículo jornal tem a possibilidade de abrigar saberes, informações, conhecimentos, de forma una e múltipla – complexa –, pois a vida não é uma substância, mas um fenômeno de auto-eco-organização extraordinariamente complexo que produz autonomia. Aqui, portanto, adoto as noções de complexidade de Edgar Morin (13), como o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal. Assumindo a complexidade por um paradigma de distinção/conjunção, que permita distinguir sem separar, associar sem identificar ou reduzir, o jornal escolar assume também seu caráter de essência interdisciplinar. E, nesse caso, a interdisciplinaridade acontece não como ‘imposição de programas fechados’, mas como atitude mental, com naturalidade que faz aflorar um princípio dialógico e translógico. Qualquer matéria jornalística será fruto de uma postura reflexiva interdisciplinar e de sua contextualização: dessa forma, terá, como entende Saviani (14), “a contribuição de conhecimentos de várias disciplinas escolares”.

Nesse contexto, o papel do *professor-editor* é fundamental como mediador entre os anseios e necessidades (cultura) de seus alunos-repórteres e seus alunos-leitores, tendo o veículo jornal como seu aliado. Esse *professor* empresta ao *editor* as características de um *maestro de uma orquestra*. Seus alunos, de posse de vários instrumentos, do clarinete ao piano, estão ansiosos por música. O *professor-editor-maestro* observa, ouve, identifica habilidades, o potencial de cada um (e do grupo) e, escolhida a pauta, dá o tom ao grupo, ensaia, estimula, aponta os desafinos, harmoniza, e a orquestra como um todo produz música. Esse mediador dedicado da cultura alia profissionalismo e ternura, pois sabe e faz saber, quer e faz querer, ousa e faz ousar, emociona-se e faz emocionar, com afeto, com amor.

O educando – uma pessoa – como co-personagem essencial e objetivo do processo educativo, na produção do jornal é um *aluno-repórter-leitor*. Na relação professor-aluno, os dois ocupam o centro do palco: maestro, instrumentistas, cenários e partituras se fundem – surge a música. Como tal, o aluno é músico sensível aos sons do cotidiano, é observador do mundo que sente dor e alegria, angústia e satisfação – é maestro da sua própria vivência. Quer herdar, criar e recriar cultura, quer fazer da música participação, ação e reflexão. Como *aluno-repórter* não deve ser um mero redator de textos, mas pessoa que amplia a cada instante sua visão de mundo. Assim, o professor-editor incentiva-o a investigar, questionar, tocar, degustar, sentir os aromas e odores do mundo (sinestésias que se compõem de estímulos em nível técnico-racional e também sensível-intuitivo). Deve ser estimulado a distinguir, reconhecer e respeitar o outro, relacionar-se de forma

profunda com o outro, a solidarizar-se às dores e às alegrias universais (distinguir sem separar, associar sem reduzir, pois tudo e todos estão ligados a tudo e a todos). Dessa forma, seus relatos publicados no jornal escolar não serão textos que somente o ajudaram a expressar-se melhor, mas serão criações de cultura, que refletem mais que suas aspirações as aspirações mais universais; seus relatos não são fruto de metodologias explicativas, mas vivências humanas colhidas com os afetos (oriundos das sinestésias – prolongamentos de vários sentidos, além e aquém do signo, na significação) e os esforços de compreensão.

O processo de produção de cultura que vivencia não terá os limites dos conceitos e informações para serem quantificados numa avaliação periódica pontual, mas cultura incorporada a sua experiência, a sua vida – *como sugeriu Freinet*. Mais que *aprender* um assunto, *aprendeu mais a aprender* – a buscar sua significação e traduzi-la em novo conhecimento de si, do outro e do mundo; e esse aprendizado lhe proporcionou oportunidades de solidarizar-se, comprometer-se com o outro, com a sociedade e com o universo – de tornar-se cada vez mais pessoa, menos indivíduo e personalizando o universo.

### **Caminho(?)**

Por essas indicações, compreendo que o jornal escolar pode ultrapassar seu caráter técnico-utilitário e tornar-se uma estratégia pedagógica, com maior amplitude e possibilidades. Estratégia porque não se prende a esquemas, mas abre-se e flexibiliza-se de acordo com as perspectivas de cada grupo participante, em seu momento histórico, em seu local. Estratégia também porque não traça objetivos fechados, mas desenvolve posturas para a percepção, reflexão e expressão do mundo – ampliação da re-visão de mundo.

Pode ser um caminho? Mais que racionalizar o ensino com programas e máquinas, há que se pensar o humano na técnica e no ser. O professor e escritor Rubem Alves, em artigo na Folha de S. Paulo (15), comentando as "providências governamentais" na área educacional argumentou:

- *"Não adianta trocar as painelas, é preciso mudar o menu!"*

A crítica de Rubem Alves fundamenta-se na necessidade de reflexão sobre os conteúdos e, especialmente, sobre a forma de tratá-los, mais do que na parafernália eletrônica da moda. Deixar-se envolver pela “onda” da máquina é, no mínimo, negligenciar a relação humana do proces-

so ensino-aprendizagem. A máquina é um meio, um instrumento - e não uma vara de condão - que só pode ser acionada por pessoas. E o jornal escolar, sendo menos o veículo para ser mais um processo rico de relacionamento humano, pode transcender a eficiência e a eficácia sonhada pela modernidade para constituir-se em vivências para o humano ser.

Longe da presunção de colocar o jornal escolar como a solução dos problemas da educação formal, visualizo minhas propostas como alternativa concreta, palpável para o experimentar de “outros menus” e de “outras formas de tratá-los”. O cientificismo, o tecnicismo e a modernidade trouxeram à escola não somente a burocracia, mas também a burocratização do ensinar. Isto levou a escola a desrespeitar a própria natureza humana de ver o mundo como um todo, com a segmentação e a excessiva disciplinarização. E o jornal escolar é uma alternativa que proporciona a visão de conjunto, de junção, que propicia encontros, relações humanas. Ainda que respeite os ideais iluministas, o “ter em si a própria razão” (16) tem de ser superado pela “razão que me coloca em harmonia com o universo”. O ‘esclarecimento’ vem também da minha relação com o outro, do espírito de solidariedade e cooperação que consigo desenvolver para esta harmonia universal. Assim, o jornal escolar é estratégia que ilumina as confluências de idéias, que oportuniza mediações sem o individualismo e a competição. Por fim, como a própria expectativa de Freinet, o Jornal Escolar pode contribuir para que o educando possa caminhar com os próprios pés, internalizando a postura do aluno-repórter – a postura do aprender a aprender as ações e com as vivências humanas.

### Referências Bibliográficas

1. FREINET Celéstín. *O Jornal escolar*. Lisboa. Estampa, 1974.
2. CHAGAS, Valnir. *O ensino de 1º e 2º graus - antes, agora e depois?* São Paulo. Saraiva, 1984.
3. LIMA, Lauro O. *Mutações em educação segundo McLuhan*. Petrópolis. Vozes, 1987.
4. Iniciei experiências nesse sentido em Bauru-SP, em 1988, e há seis anos venho trabalhando em Campo Grande-MS. Em duas etapas anteriores desse trabalho tiveram como resultado duas dissertações defendidas:  
IJUIM, Jorge K. *O jornal de classe como instrumento de integração disciplinar*. São Paulo. Cásper Líbero. Dissertação de Mestrado, 1989.  
IJUIM, Jorge K. *Jornal escolar: instrumento de integração*. São Paulo. ECA/USP. Dissertação de Mestrado, 1994.

5. CAPRA, Fritjof et alli. *Pertencendo ao universo*. São Paulo. Cultrix/Amana, 1998.
6. VYGOTISKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo. Martins Fontes, 1991.
7. GRECO, Milton. *Interdisciplinaridade e revolução cerebral*. São Paulo. Pancast, 1994
8. MEDINA, Cremilda. *Narrativas da contemporaneidade, caos e diálogo social in Caminhos do saber plural – Novo pacto da ciência – 7*. São Paulo. ECA/USP, 1999.
9. RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Petrópolis. Vozes, 1998.
10. Camalote e tarumã são respectivamente uma árvore e uma fruta típicas do pantanal. A música folclórica ‘Ciranda pantaneira’ descreve que o homem pantaneiro sabe sentir o cheiro do camalote e o gosto do tarumã.
11. O processo de industrialização levou suas técnicas e sua tecnologia à imprensa e, na busca da eficiência, desenvolveu uma gramática própria, na maioria das vezes fechada em manuais de redação. A questão é debatida em  
MEDINA, Cremilda. *Narrativas do humano ser in Planeta inquieto – direito ao século XXI – Novo pacto da ciência – 6*. São Paulo. ECA/USP, 1998.
12. Infelizmente, são interpretados apressadamente como fragmentos ou são homogeneizados.
13. MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa. Instituto Piaget, 1995.
14. SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia*. Campinas. Autores Associados, 1993.
15. ALVES, Rubem. *Qualidade em educação*. Tendências e debates. São Paulo. Folha de S. Paulo. 31/7/97.
16. Resposta à pergunta o que é esclarecimento, de Immanuel Kant, discutida em:  
MOREIRA, Alberto. *O projeto do humano na modernidade in Do hemisfério sol – Novo pacto da ciência 2*. São Paulo. ECA/CJE/CNPq, 1993.